UM OLHAR OUTRO

Era previsível. Não faltaram palpites: o confinamento devido à pandemia, que obrigou a fechar as igrejas e a desenvolver os actos de culto em plataformas digitais, o que se saudou e se revelou bem positivo aliás, levaria a um decréscimo bem notório da prática dominical.

Olhamos para a realidade actual, após quase três meses de retoma das celebrações presenciais, ainda que com algumas restrições: o número de presenças na missa dominical diminuiu, talvez não tanto como se chegou a prever. Ao contrário, as presenças na missa à semana mantêm-se. No caso da nossa Paróquia, os números são mais animadores à semana do que antes da pandemia. E até o número de comungantes aumentou.

Das várias leituras possíveis, uma me apraz: quem participava à semana, fazia-o certamente por necessidade de ordem espiritual, que retomou logo que lhe foi possível. Quem ia à missa apenas por obrigação, facilmente encontrou desculpa para o não fazer, simplesmente continuando em casa «dispensando-se» da «obrigação».

Terá ainda sentido falar da obrigação da missa ao domingo? Este assunto tem merecido a atenção do Papa Francisco e dos nossos bispos. Ainda há dias, o sr. bispo do Porto, D. Manuel Linda, alertava para a «desvalorização» da missa ao domingo.

Quando me perguntam se «é obrigatório ir à missa ao domingo», respondo sem equívocos que sim. Mas logo acrescento: «que pena me dá ouvir falar de obrigação, como de algo imposto do exterior, como se faz com as crianças que, em razão da idade, precisam de orientações seguras para a construção correcta de uma personalidade crente a viver em comunidade. A linguagem correcta para pessoas adultas é a da necessidade: «preciso de me alimentar espiritualmente».

Já é tempo de, num cristianismo adulto, se valorizar as práticas religiosas como expressão de um ser autónomo e livre que faz a sua opção de se construir, desde o seu ser criança até ao termo dos seus dias, como alguém que precisa de Deus, de uma relação sempre mais aprofundada com Ele porque sabe, por experiência própria, que «nem só de pão vive o homem», como afirmou Jesus.

Põe-se a questão: que tipo de prática religiosa é a nossa? Em que temos nós investido? Que catequese foi a nossa? Como estamos a evangelizar hoje? Certamente que temos todos boas razões para batermos com a mão no peito, reconhecendo os nossos pecados e os nossos desvios de uma verdadeira acção pastoral na Igreja de que fazemos parte.

Não faltam análises sociológicas do fenómeno religioso em franca erosão na contemporaneidade. Choca, no entanto, a procura de religião light, fácil e barata, de efeito imediato. Como se, numa sociedade de consumo e globalizada, Deus entrasse no conjunto dos produtos procurados. Choca mais ainda saber que muitos dos nossos concidadãos, outrora presentes nas celebrações católicas, aderiram às seitas ou novos movimentos religiosos, onde até podem ser explorados não só nos meandros misteriosos das suas convicções como também nos seus próprios bolsos, com dízimos e contributos exigidos como garantia de bênçãos divinas.

Sendo o fenómeno complexo e abordável nos seus muitos aspectos, não podemos esquecer a nossa cultura e sensibilidade social, alheia a tudo o que se apresenta como normas, exaltando-se o valor do indivíduo em detrimento do que é comunitário. Não é só o mundo religioso que paga as consequências de tal individualismo. É a sociedade no seu todo que vê os vínculos sociais a deteriorarem-se cada vez mais, gerando corações vazios, relações humanas frias e até conflituosas, cujas consequências se tornam mais visíveis ao nível dos idosos, por mais fortes que sejam os investimentos em apoios sociais. Nada substitui o afecto entre mais novos e mais velhos. Desafeição da missa dominical apenas? Oxalá o fosse.

P. Abílio Cardoso

CATEQUESE 2021/2022

Proposta pelos catequistas e analisada pelo Secretariado Permanente do Conselho Pastoral, que a julgou ser oportuna, haverá uma mudança substancial na catequese do próximo ano, que se anuncia para o próximo mês de Setembro: a catequese vai decorrer em dois turnos, ao sábado e domingo, com novo horário. Assim:

- **SÁBADO: das 17.30 às 18.30, seguida da missa às 19.00 para os adolescentes do 7º ao 10º ano;**
- **DOMINGO: das 9.30 às 10.30, seguida da missa às 11.00 para as crianças do 1º ao 6º ano.**

Peço a todos a necessária compreenssão e colaboração, que implica sobretudo os catequistas e os escuteiros.

ANTÓNIO DA SILVA FERREIRA

Faleceu António da Silva Ferreira, de 87 anos, a 10 de Junho, ele que era casado com Maria Alice Barbosa Pereira. O funeral foi celebrado na sexta-feira, dia 11, com missa às 16.30 na Igreja da Santa Casa da Misericórdia. A missa de 7º dia foi celebrada na quinta-feira, dia 17, e a de 30º dia será a 10 de Julho, às 19.00, na Igreja Matriz. Que descanse em paz.

FRANCISCO DA CRUZ MIRANDA NOGUEIRA

Faleceu Francisco da Cruz Miranda Nogueira, de 65 anos, a 11 de Junho, ele que era casado com Maria Alice Barbosa Pereira. O funeral foi celebrado no domingo, dia 13, com missa às 15.00 na Igreja Paroquial de São Tiago do Couto. A missa de 7º dia foi celebrada na quinta-feira, dia 17, na Igreja Matriz. Que descanse em paz.

Tiragem semanal: 650 ex.

Construir

Boletim Paroquial de Santa Maria Maior - Barcelos

Ano XVII - Nº 25 - 20 de Junho de 2021

Rua D. António Barroso, 116, 4750-258 Barcelos. Tel. 253 811 451, Telm. 966 201 411, email: paroquiadebarcelos@sapo.pt
Web: paroquiadebarcelos.org - Facebook: www.facebook.com/paroquiadebarcelos/

Na tempestade Jesus dormia... mas estava lá

«Perante a falta de fé, Jesus repreende o vento e exorciza o mar, dizendo-lhe: "Cala-te, acalma-te". E subitamente o vento cessou e houve grande bonança». Este milagre realizado por Jesus – não escapa a ninguém – tem sobretudo um grande alcance simbólico, porque cada um de nós, na sua vida, conhece horas de tempestade. Nestas situações, em particular quando duram muito tempo, tem-se a impressão de que a invisibilidade de Deus é, na realidade, um seu dormir, um não ver, um não sentir o grito e os gemidos de quem se lamenta. Sim, a pouca fé faz os crentes gritar: «Deus, onde estás? Porque dormes? Porque não intervéns?»

Enzo Bianchi, in SNPC, 18/6/2021

Pobres de nós, quando pensamos saber tudo e dizemos não precisar de ninguém. Coração fechado a sete chaves, vivemos no meio de enorme riqueza apreciando apenas, hipocritamente queixosos, a pobreza de uma sala vazia. O medo, sempre o medo que tolhe e não deixa ver para além dos muros de que nos cercamos.

Não falta o sol radiante na vida de todos. Muitas vezes ele aparece apenas a furar as nuvens espessas. Está lá, forte e quente como sempre, mas as malditas nuvens, sempre muito mais baixas, ocultam-no. Quem terá a ousadia para ver além das nuvens?

Na sua barca, Pedro e os discípulos deram «boleia» a Jesus. Daquela vez Jesus foi o convidado. E dormia, exausto como Mestre que ensinava o povo, convidando para o Reino de Deus, o melhor que o coração humano poderia desejar, desde que estivesse disponível para o «corte» com as amarras do mundo, do reino dos homens.

Surge a tempestade e a barca ameaça afundar-se. As ondas altivas parecem indomáveis e o perigo é real. Todos ficam tolhidos de medo. Só Jesus continua a dormir, tranquilo. Os discípulos bem queriam respeitar o sono do Mestre. Certamente nem se lembraram de que, diante de um mar terrível - o mar profundo e indomável era bem a imagem de forças misteriosas que o homem não dominava - Deus fez separar as águas para que o povo de Israel pudesse passar a pé enxuto o mar e, assim, alcançar a Terra Prometida.

E, afinal, quem era Aquele que dormia tranquilamente na barca? Quem era aquele Jesus que, desperto, Se levanta e Se impõe ao vento e ao mar? Quem é aquele que, no dizer de Job, «encerrou o mar entre dois batentes, quando ele irrompeu do seio do abismo»? Na altura em que foi escrito, Marcos oferece à comunidade cristã de Roma este relato. Aquela comunidade vivia em permanente tempestade, perseguida ferozmente pelo Imperador. Como não tomar este texto como um apelo forte à confiança em Jesus? Ao longo de dois mil anos de vida, a Igreja sempre revisitou estes relatos para apelar à confiança no Mestre. Ele ESTÁ no meio da tempestade. Parece alheio ao perigo. Mas está lá como a dizer «sem Mim nada podeis fazer». E não é verdade que a experiência do crente reconhece que é, sobretudo nos limites, que a confiança em Jesus mais se torna necessária e mais se evidencia?

Os nossos limites... são sempre um «lugar teológico« para a confiança.

Continuemos a nossa aprendizagem: mesmo dormindo... Jesus está sempre presente na nossa vida.

O Prior - P. Abílio Cardoso

AGENDAR CASAMENTOS

As restrições impostas pela pandemia justificam que seja revisto o modo de agendar os casamentos.

Por isso, avisa-se que todos os interessados podem apresentar desde já o pedido para se agendar os casamentos do próximo ano na nossa Paróquia.

Tal implica que seja cuidado, desde já, o Plano de Actividades, de que o Prior já está a ocupar-se. Recomenda-se a todos os grupos que façam chegar ao Prior as suas propostas.

IGREJA DO TERÇO

A Confraria da Nossa Senhora do Terço informa que às quintas-feiras, até ao final do mês de julho, no final da eucaristia, será exposto o Santíssimo Sacramento que será recolhido pelas 17.30.

Assim, convidam-se todos os fiéis a viver a oração em tranquilo silêncio.

A Confraria da Nossa Senhora do Terço agradece os donativos de fiéis e Junta da Freguesia para a requalificação das portas, bem como de todas as dádivas que muito têm ajudado na manutenção da igreja.

Com novos desafios para garantir a preservação de uma igreja tão bela, a mesma Confraria apela à generosidade de todos os que de algum modo possam disponibilizar a sua ajuda.

A Presidente da Mesa – Virgínia Maria Lemos da Silva Rafael

A VIDA DO POVO DE DEUS TORNADA ORAÇÃO
XII DOMINGO DO TEMPO COMUM

Dai graças ao Senhor, porque é eterna a sua misericórdia

SEGUNDA, 21 – S. LUÍS GONZAGA
Leituras: Gen 12, 1-9
Mt 7, 1-5

09.00 (Senhor da Cruz): José Narciso Costa Alves
15.30 (Terço): Em honra de Santa Lúzia
19.00 (Matriz): P. Beirão e irmãos

TERÇA, 22 – S. PAULINO DE NOLA, S. JOÃO FISHER E S. TOMÁS MORE
Leituras: Gen 13, 2. 5-18
Mt 7, 6. 12-14

09.00 (Senhor da Cruz): Joaquim Pinto de Azevedo, pais e sogros
19.00 (Matriz): Acção de graças

QUARTA, 23 – Leituras: Gen 15, 1-12. 17-18
Mt 7, 15-20

09.00 (Senhor da Cruz): Maria Teresa Carvalho Moreira
15.30 (Terço – Intenções colectivas):
- Pelos irmãos, vivos e falecidos, da Confraria do Terço
- Em honra do Sagrado Coração de Jesus e Coração de Maria

19.00 (Matriz): Maria do Carmo Sousa Faria

QUINTA, 24 – NASCIMENTO DE S. JOÃO BATISTA
Leituras: Is 49, 1-6
At 13, 22-26
Lc 1, 57-66. 80

08.00 (São José): Aurora, Maria de Jesus e Alberto Martins
09.00 (Senhor da Cruz): Manuel Gonçalves Coutinho
15.30 (Terço): José Maria Ribeiro Rodrigues e pais
19.00 (Matriz – Intenções colectivas):
- Maria Cândida Barbosa da Costa
- Maria Teresa Pereira da Quinta
- Francisco Duarte Carvalho
- Luís Soares, Alzira da Silva Carvalho e filhos Manuel e José
- Manuel Adriano Ferreira da Cunha, tio Manuel e avó Joaquim
- Maria Alice Dias Gomes Matos (30º dia)

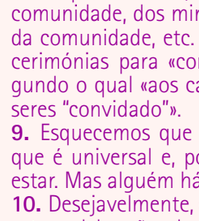
SEXTA, 25 – Leituras: Gen 17, 1. 9-10. 15-22
Mt 8, 1-4

09.00 (Senhor da Cruz – Intenções colectivas):
- Em honra de Nossa Senhora de Fátima
- Manuel Correia da Silva (6º aniv.)

15.30 (Terço): Emília Vilas Boas da Cunha, pais e irmãos
19.00 (Matriz): Ana Pereira da Silva

SÁBADO, 26 – SANTA MARIA
Leituras: Gen 18, 1-15
Mt 8, 5-17

09.00 (Senhor da Cruz): Joaquim Abilheira



17.30 (S. José): João Baptista
19.00 (Matriz – Intenções colectivas):
- Cândido Oliveira da Rocha
- Manuel João Jesus Amaral
- Maria Fernanda Lopes Martins
- Maria do Carmo Sousa Faria
- Maria Carminda Ferreira Gomes Costa
- Pais e sogros de António Paulo Costa
- Eduardo Cardoso de Oliveira
- Manuel Correia da Silva (6º aniv.) e esposa

DOMINGO, 27 – XIII DO TEMPO COMUM
Leituras: Sab 1, 13-15: 2, 23-24
2 Cor 8, 7. 9. 13-15
Mc 5, 21-43

09.00 (Senhor da Cruz): Manuel Pereira
11.00 (Matriz): Pelo povo
12.15 (Senhor da Cruz): Irmãos da Real Irmandade
15.30 (Terço): José Maria Ribeiro Rodrigues e pais
19.00 (Matriz): Pelos Benfeitores da Paróquia

«PÔR-SE» EM IGREJA OU «IMPOR-SE» À IGREJA?

1. É notório que, no decurso da pandemia, cresceu em muitos a sede de Deus. Mas tal crescimento coexiste com o atávico – e aferrado – apego de outros a um Cristianismo feito (apenas) de hábitos. Com efeito, nem todos «coaram» os seus procedimentos pelo inultrapassável filtro do Evangelho e da experiência de Deus.

2. O primeiro sinal de alerta é a forma como se entra – e se está – no lugar sagrado. Não raramente, o silêncio é nulo, a algazarra chega a ser sufocante e o recolhimento é quase inexistente.

3. E não falta quem – em vez de se «pôr» em Igreja – pretenda «impor-se» à Igreja. Já percebemos que, como lembrou o Papa Francisco, «o todo é maior que a parte»? Até Maria é «uma parte da Igreja», ainda que «santa, excelente e supereminente». Pelo que Santo Agostinho considera que, mesmo em relação a Maria, a Igreja «é mais importante».

4. Longe desta compreensão, corremos o risco de olhar para a Igreja como uma entidade que fornece eventos à nossa medida. O critério não é o Evangelho, mas o desejo de cada um.

5. Tudo isto fica especialmente exposto nos sacramentos do Baptismo e do Matrimónio. O ponto de partida – alegam alguns – é que são festas suas. E, em conformidade, tudo deve decorrer como entendem e lhes apraz.

6. Sucede que, como advertia o cardeal Martini, a Igreja «celebra mistérios», «não satisfaz expectativas». O Baptismo e o Matrimónio – tal como os outros sacramentos – presencializam o mistério de Deus revelado em Cristo. É, pois, a vontade de Deus, e não a nossa (cf. Mt 6, 10), que deve ser priorizada.

7. O problema é quando se preparam baptismos e matrimónios numa lógica mais funcional que vivencial. O que importa é reservar o lugar, a hora e contratar quem faça a decoração, cante, etc. A execução processa-se de forma muito profissional, mas pouco testemunhal. Aliás, o ruído que «alaga» as igrejas é bem revelador e...desolador.

8. Frequentemente, tudo se passa à margem dos membros da comunidade, dos ministros da comunidade, dos grupos corais da comunidade, etc. Em vez de celebrações da Igreja, surgem cerimónias para «convidados». Daí o (espúrio) prolóquio segundo o qual «aos casamentos e aos baptizados não vás sem seres "convidado"».

9. Esquecemos que ninguém pode ser excluído numa Igreja que é universal e, portanto, acolhedora. Nem todos poderão estar. Mas alguém há-de ser impedido de ir?

10. Desejavelmente, é quando a comunidade está reunida que estas celebrações deveriam acontecer. Só que ainda há um longo caminho a percorrer até que erradiquemos – de vez – visões redutoras, entregando todo o protagonismo a Jesus Cristo!

P. João António Pinheiro Teixeira, Teólogo, in DM 15/6/2021

TRANSMITIR A FÉ AOS FILHOS

O maior tesouro que os pais podem transmitir aos seus filhos é a fé. A fé dá um sentido para a vida. A vida cristã sincera liberta da amargura de uma existência sem Deus. «Que atitudes da parte dos pais ajudam a transmitir a fé aos filhos?». Eis uma pergunta frequente sobre a qual vale a pena reflectir.

Cristian Smith sugere num artigo publicado em First Things algumas ideias muito interessantes sobre este assunto. Smith é sociólogo e professor na Universidade de Notre Dame e há vários anos que se dedica a estudar a transmissão da fé nas famílias norte-americanas. A grande notícia, explica Smith, é que entre todos os factores que exercem alguma influência na vida religiosa dos filhos o maior de todos são sem dúvida nenhuma os próprios pais.

Não é que ir à catequese à paróquia ou estudar num colégio católico não ajude e tenha grande importância. No entanto, essa importância só pode reforçar a dos pais e nunca a pode substituir.

Isso não significa que praticar a fé na família garanta totalmente uma transmissão com êxito. Viver a fé é sempre uma decisão pessoal que ninguém pode tomar por nós. No entanto, fora os casos excepcionais, o que é seguro é que se os pais estão comprometidos com a fé é muitíssimo mais provável que o mesmo aconteça com os seus filhos. Em qualquer caso, o melhor modo de conseguir que no dia de amanhã os filhos não se afastem da religião é, segundo Smith, que os pais «sejam sinceros, que acreditem e pratiquem a fé de modo comprometido e fiel».

As crianças não se deixam enganar pelas aparências: veem a realidade! E quando a realidade é autêntica e vivificante sentem-se atraídas por ela. Ser um bom cristão pode ser exigente, mas nunca é opressivo; é sempre li- bertador. E é, além disso, profundamente atraente.

P. Rodrigo Lince de Faria, in DM, 16/6/2021

OFERTAS PARA BOLETIM

Pedimos a colaboração generosa para com o Boletim, que é distribuído gratuitamente.

- Família n.º 279 – 5,00
- Familia n.º 122 – 10,00
- Família n.º 242 – 10,00

TOTAL DA SEMANA – 25,00 euros

A transportar: 25.327,55 euros
Despesas até agora: 33.233.75 euros

SÓCIO-CARITATIVA – Vai reunir no próximo sábado, às 16.30, nas salas de catequese. Das 17.00 às 17.30 haverá acolhimento aos carenciados.

SALVAR A FRATERNIDADE

O documento "Salvar a Fraternidade – Juntos", que acaba de ser divulgado, adverte que «a suposta neutralidade do sistema técnico-económico encobre a sua violência anti-humanista e evita que seja comparado ao passado imperialista e colonialista do Ocidente».

O documento sublinha os efeitos «nocivos» do sistema tecnocrático sobre o meio ambiente e sobre uma sociedade «empobrecida em todo o mundo».

«A nossa proposta é recolher o sentido profundo desta provocação definitiva – dirigida a uma Igreja instada a abrir-se e a um mundo tentado a fechar-se – inaugurando o clima de uma 'fraternidade intelectual», realça a nota de imprensa «Desafio à Igreja para abrir-se num mundo tentado a fechar-se», emitida pelo Vaticano, sublinhando que «a Teologia deve aceitar confrontar-se criticamente com as perversões do sagrado, por tentativa e erro, para que não gozem da cumplicidade da fé». «Devemos às gerações futuras esta aliança entre o pensamento sensível ao homem e a decifração salvífica do sagrado», refere o documento.

In DM, 12/6/2021

O amor na família: vocação e caminho de santidade

Pai Santo,
estamos aqui diante de Ti para louvar-Te e agradecer-Te
pelo grande dom da família.

Nós Te pedimos pelas famílias
consagradas no sacramento do matrimônio,
para que possam redescobrir todos os dias a graça recebida e,
como pequenas Igrejas domésticas, saibam testemunhar a tua Presença
e o amor com o qual Cristo ama a Igreja.

Nós Te pedimos pelas famílias
que passam por dificuldades e sofrimentos,
doença ou por problemas que só Tu conheces:
que Tu as sustentes e as tornes conscientes
do caminho de santificação ao qual as chamas,
para que possam experimentar a tua infinita Misericórdia
e encontrar novos caminhos para crescer no amor.

Nós Te pedimos pelas crianças e jovens,
para que possam encontrar-Te
e responder com alegria à vocação que planejaste para eles;
por seus pais e avós, para que sejam conscientes
de serem sinal da paternidade e maternidade de Deus
no cuidado dos filhos que, na carne e no espírito, Tu confias a eles;
pela experiência de fraternidade
que a família pode dar ao mundo.

Senhor, concede que cada família
possa viver a própria vocação à santidade na Igreja
como um chamado para ser protagonista da evangelização,
a serviço da vida e da paz,
em comunhão com os sacerdotes e em cada estado de vida.

Abençoa o Encontro Mundial das Famílias
Amém

Oração oficial para o X Encontro Mundial das Famílias
22-26 de junho de 2022